

# ÁGUAS PASSADAS, HISTÓRIA PRESENTE: O RIO UNINDO A ILHA PELA VIDA

Meyre Ester B. de OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Ana Lúcia Aguiar L. LEANDRO<sup>2</sup>  
Maria Betânia R. TORRES<sup>3</sup>

## Resumo

Este trabalho é resultado da ação “O Rio Unindo a Ilha pela Vida” do Projeto Rio Apodi/Mossoró: integridade ambiental a serviço de todos. Foi pensado no sentido da sensibilização dos moradores da Ilha de Santa Luzia para práticas do “olhar manso” sobre o meio ambiente, entendido como sua esfera de vivências e convivências. Busca o diálogo de indivíduos ribeirinhos na relação sociedade-natureza entendida como uma teia emaranhada de práticas cotidianas onde a vida social é re-construída. O ponto central das entrevistas orientou-se por ouvir a evocação de suas memórias sobre os bens ambientais e sua importância na vida da coletividade, bem como sentir o “outro” como narrador de histórias de vida silenciadas. Em seus relatos, o rio emerge como uma experiência central marcando o pertencimento do indivíduo ao lugar e resgate dos valores éticos.

Palavras-chave: narrativas, memória, rio Apodi/Mossoró.

## Introdução

O artigo aqui proposto nasceu de uma pesquisa, em processo, dentro do projeto de extensão Rio Apodi/Mossoró: integridade ambiental a serviço de todos e entrecruza-se com os trabalhos desenvolvidos pela equipe deste projeto e o GEEAMS (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Meio Ambiente e Sustentabilidade). O tema do grupo de trabalho “História ambiental: sociedade e cultura da natureza”, proposto como parte da programação do I Colóquio Internacional de História: sociedade, natureza e cultura, no qual este trabalho está inscrito, inspirou-nos pelas razões que passamos a apontar. Ouvir as vozes dos moradores da Ilha de Santa Luzia, baseado nos seus relatos orais, possibilita reconstruir a história do espaço trazendo à tona as subjetividades do cotidiano. Essas subjetividades revelam os sentimentos pelo rio, a experiência entre o prazer e as tensões diárias, o rio enquanto bem ambiental maior que faz a vida se dinamizar.

A pesquisa amparou-se em entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida de pessoas residentes no lugar. Dois aspectos mediaram a pesquisa: primeiro trazer a possibilidade de

---

<sup>1</sup> Pedagoga, professora do Departamento de Educação/FE/UERN.

<sup>2</sup> Historiadora, professora do Departamento de Educação/FE/UERN.

<sup>3</sup> Cientista Social, professora do Departamento de Gestão Ambiental/FACEM/UERN.

repensar o espaço a partir das vozes de sujeitos ribeirinhos falando sobre as vivências e convivências compartilhadas ao longo de suas vidas de quarenta, cinquenta anos ou mais, de envolvimento com o lugar de sua identidade; segundo por permitir, pela via das narrativas, vislumbrar uma porta metodológica para, na interação com ribeirinhos, aprender com seus saberes, sua maneira de se relacionar com a natureza, seus cuidados, suas apreensões, suas certezas, suas incertezas, suas esperanças em relação ao bem maior: o rio.

### **Ilha de Santa Luzia: espaço de vivência e convivência com o rio**

Conhecer a cidade, seus bairros, desvendar seus mistérios, penetrar em seus labirintos, misturar-se ao vai-e-vem das pessoas e dos carros, analisar o tecido urbano, compreendendo as contradições do processo espacial e social é algo extremamente fascinante, à medida que possibilita a leitura do território e a construção de imagens, nem sempre consensuais e objetivas sobre o mesmo espaço.

Frente à complexidade da trama estrutural e da teia de relações e significados que se estabelecem nas cidades é cada vez mais difícil apreendê-las e interpretá-las, tanto do ponto de vista macro, o que inclui o conhecimento do processo de urbanização e construção da urbanidade, como do ponto de vista micro, isto é, os aspectos gerais da vida cotidiana e das formas como os grupos e os indivíduos ocupam espaço.

É importante ressaltar que o espaço urbano se apresenta de modo diverso aos diferentes olhares e sua imagem assume diferentes matizes, conforme a perspectiva de quem o vê. Assim, podemos dizer que a cidade e o bairro constituem uma trama de símbolos e significados, construídos no decurso do processo sócio-histórico de ocupação do espaço.

Ao focar o bairro, como espaço urbano, queremos expressar a nossa compreensão deste como espaço socialmente construído, local privilegiado de vivências e relações socioambientais, no qual se manifestam trocas, encontros e desencontros, embates e interesses. Portanto, pensar a configuração urbana, inclui a tarefa essencial de perceber toda a sua dinamicidade, refletindo como ela se estabeleceu, conhecendo transformações e permanências, o modo de vida das pessoas, as formas pelas quais a natureza é apropriada e como as pessoas se relacionam com o ambiente, a gestão do espaço, os fluxos e as trocas que se estabelecem diuturnamente.

O Bairro Ilha de Santa Luzia, foco deste trabalho, está situado na cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte. A cidade de Mossoró, que ocupa uma área de 2.099,89 Km<sup>2</sup>, é a segunda maior cidade do estado, configurando-se como a segunda cidade mais populosa, contando com uma população de aproximadamente 229.787 habitantes.

A Ilha de Santa Luzia se localiza entre os bairros do Centro e o Alto de São Manoel. Apesar de ser um bairro residencial, a sua composição está mesclada por edificações residenciais e comerciais, provavelmente em decorrência sua proximidade do centro da cidade. Dispõe de escolas, posto de saúde e centro catequético, igrejas evangélicas e centro comunitário.

A denominação – Ilha de Santa Luzia – deve-se ao fato do bairro estar situado entre dois braços do rio Apodi-Mossoró e também por fazer parte da Paróquia de Santa Luzia. Dessa forma, podemos afirmar que o bairro inteiro é construído às margens do Rio, bem próximo ao seu leito de inundação, o que torna toda a população que vive ao seu entorno uma comunidade ribeirinha. Segundo relatório da Gerência Executiva de Meio Ambiente “a área do Bairro Ilha de Santa Luzia é a que apresenta maior número de ocupações nas margens do Rio Mossoró no perímetro urbano da cidade” (Jornal de Fato – RN, 24/11/2005).

O rio Apodi-Mossoró nasce na Serra de Luís Gomes-RN, cortando a cidade no sentido sudoeste/nordeste. O seu leito maior apresenta-se de forma diversa, em diferentes trechos da cidade, atingindo entre 500 (quinhentos) e 1.000 (mil) metros de largura na zona sul, estreitando-se na região central, o que permitiu a construção de duas pontes que interligam a parte mais antiga da cidade aos bairros mais novos, local onde se situa a Ilha de Santa Luzia.

Este rio que historicamente teve significativa importância econômica para a região, servindo inicialmente como meio de transporte para mercadorias e depois como uma das principais fontes de abastecimento de água para cidade, encontra-se, atualmente, numa situação muito degradante. Esta situação de deterioração é bem nítida na parte do rio que corta a Ilha de Santa Luzia, em que se pode constatar o processo de eutrofização de suas águas, inúmeras construções irregulares em locais bem próximos ao rio, devastação da mata ciliar, deposição de lixo doméstico e resíduos sólidos, tanto nas águas do rio quanto em seu entorno, canalização de esgotos, precariedade e ausência, em algumas ruas do bairro, no serviço de esgotamento sanitário.

As residências e edifícios comerciais foram construídos ao longo do tempo, cada vez mais próximos da margem do rio, ocupando inclusive o lugar antes pertencente à mata ciliar.

Muitas casas situam-se em locais insalubres, sem as mínimas condições higiênico-sanitárias, algumas inclusive têm seus quintais voltados para o rio, tornando-se muito comum a utilização deste como depósito de lixo a céu aberto.

A água parada, o mau cheiro provocado pelo lixo acumulado, a falta de esgotamento sanitário, o lixo nos bueiros ocasiona a proliferação de ratos e insetos, bem como a manifestação de vários tipos de doenças para os moradores do bairro, entre as quais a dengue, o calazar e algumas viroses, atribuídas ao ambiente do rio.

Esta situação tem incomodado muito a população local, como evidencia os depoimentos a seguir:

“O rio está tão sujo que mais parece um chiqueiro”, afirma o funcionário público Sami Costa; “Após a construção dessas casas ao lado do rio, foi que a fedentina aumentou”, afirma a estudante Sandra Costa, referindo-se a crescente invasão imobiliária ao setor. (Jornal O Mossoroense, 14/03/2007)

O bairro já foi atingido por várias cheias que traz sérias conseqüências para a comunidade, como agora em 2008, em que boa parte dos residentes teve suas casas inundadas, fato este certamente agravado pelo assoreamento do rio, em decorrência da retirada da mata ciliar e do aterramento de parte de seu leito para a construção.

A organização e apropriação urbana da cidade de Mossoró e, em particular, do bairro da Ilha de Santa Luzia nos remete a afirmação de Ribeiro (2004) quando este explica que há uma estreita conexão entre as características de nossas cidades e as desigualdades prevaletentes na sociedade brasileira. Segundo o autor:

A dinâmica urbana das cidades latino-americanas tem como base a apropriação privada das várias formas de renda urbana, fazendo com que os segmentos já privilegiados desfrutem, simultaneamente, de maior nível de bem-estar social e riqueza acumulada, na forma de um patrimônio imobiliário de alto valor. (2004, 43).

A partir desse contexto um significativo número de pessoas é espoliado por terem seus direitos sociais (moradia, saneamento básico e outros serviços coletivos) deslegitimados, resultando na inserção marginal nas cidades e conseqüentemente na “urbanização sem cidades” (idem). O autor assevera que tal forma de ocupação da cidade não pode ser considerada como urbanização, na medida em que o aumento do número de moradias não corresponde aos padrões mínimos de habitabilidade.

Como seres históricos nos construímos a partir das relações que travamos com o meio social e natural, transformando-nos mutuamente mediante um processo dinâmico de interações. Assim, vamos tecendo nossos valores, percepções e nossa forma de ver e lidar com o mundo, com as pessoas, com a natureza, fazendo escolhas, tomando decisões, enfim deixando marcas de nossa passagem. É dentro dessa perspectiva de interação com o lugar, com o rio, com as memórias, que os sujeitos vão paulatinamente re-construindo suas histórias e criando suas identidades, como afirmou J.R.: “eu não quero sair daqui porque aqui está minha história”. É assim também que o rio se configura como um bem ambiental.

### **O Rio como bem ambiental**

De acordo com o Art. 225 da Constituição Federal, promulgada em 1988, “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Pode-se dizer, no entanto, que de acordo com a lei máxima do país, o bem ambiental se define como sendo de uso comum da coletividade e essencial à sadia qualidade de vida das presentes e futuras gerações. Nesse sentido é correto afirmar que qualquer recurso hídrico se constitui em bem ambiental indispensável à vida no planeta. Insere-se nessa afirmação a bacia hidrográfica do Rio Apodi/Mossoró, segundo maior recurso hídrico de uma região que possui chuvas escassas e concentradas em três meses durante o ano.

O Rio Apodi/Mossoró, que já foi cenário de muita abundância e de um forte sentimento de pertencimento por parte da população que interagiu com um rio que é muito diferente do que se percebe atualmente, ou seja, cenário de longas e prazerosas conversas de lavadeiras, que no labor diurno colocavam a conversa em dia; local privilegiado para a pesca, banho e retirada de água potável; local inclusive de navegação, facilitando o comércio com o exterior; faz parte hoje da história de vida e da memória dos que tiveram o privilégio de conhecê-lo em cenários passados.

O processo de degradação em que se encontra o Rio Apodi/Mossoró, bem ambiental de uso comum da coletividade, foi elemento motivador para a realização de um processo de educação ambiental na comunidade Ilha de Santa Luzia. Iniciando com um trabalho de pesquisa-ação, denominado “sensibilização porta a porta”, foi possível ouvir o que pensam os moradores sobre esse bem ambiental que se encontra, muitas vezes, nos “quintais das suas

residências” e que faz parte do viver e conviver dos moradores, sendo inclusive motivo, às vezes, de conflito das relações cotidianas. Uma moradora da ilha expressa esse conflito quando diz: “Minha filha é difícil, é uma questão de princípios, tenho 74 anos, nunca joguei um lixo no chão. Fico doente com o vizinho que acaba de passar o carro da prefeitura e ele joga o lixo no Rio, não posso reclamar para não criar inimizade”.

As relações estabelecidas por parte dos moradores atuais da Ilha, parecem revelar um sentimento de descaso e de afastamento desse convívio com o rio. O processo de eutrofização, em função da grande quantidade de resíduos líquidos e sólidos despejados dentro do rio, leva alguns moradores a defender “ingenuamente” o aterro do rio, como expresso claramente na fala da moradora ao ser indagada sobre a possibilidade de revitalização do rio: “... a solução é aterrar o rio”.

Essa afirmação nos permite indagar sobre: Que sentimentos possuem os moradores em relação ao rio? Como percebem a sua responsabilidade diante desse bem ambiental? Como se vêem diante do processo de poluição do rio e como percebem a sua responsabilidade no processo de revitalização? Como as memórias recuperadas através desses moradores podem motivá-los a pensar e agir diante das problemáticas socioambientais percebidas?

Lima (apud PEDRINI, 2002, p.141), nos chama a atenção para o fato de que: “a irracionalidade no uso do ambiente é um fator indicador do descaso das gerações hodiernas para com as gerações futuras. E qual o significado disso para o ambiente?” A questão elaborada pelo autor parece encontrar, ao menos parcialmente, a resposta na expressão de vários moradores que conseguem apontar, enfaticamente, as conseqüências, pela própria ação humana, sentidas no ambiente em que vivem. Assim, os maiores problemas relatados pela população são: o mau cheiro, as muriçocas, o lixo, os diversos insetos que invadem as casas, como: ratos, cupins, baratas, aranhas, etc.; a fumaça nos quintais quando as pessoas queimam o lixo; a criação de animais (porcos, galinhas, gado, ovelhas, cavalos, etc.); as fossas que são lançadas diretamente dentro do rio, apesar de algumas casas terem rede de esgoto (saneamento básico).

Os problemas sentidos pelos moradores parecem não ser suficientes para provocar reflexões sobre as formas de relação que estabelecemos com a natureza, ou ainda, que os recursos naturais são bens comuns de uso e responsabilidade de todos os que habitam o planeta terra. A idéia de que a responsabilidade está no outro, seja o vizinho, o poder público, ou a força divina, foi evidenciada também pelos moradores: “... só existem duas pessoas

capazes de solucionar esse problema: São Pedro e Jesus”; ou ainda: “eu não vou limpar! Quem tem o dever de fazer isso é a prefeitura”.

Aqui, se revela um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que percebemos e instigamos os moradores a refletirem sobre um ambiente em que o natural e o social se entrecruzam, fazendo-os pensar sobre os agentes poluidores do rio no qual estamos envolvidos – quando consumimos para além do necessário; quando não contribuimos com a coleta seletiva do bairro; quando não colocamos o lixo nos dias de coleta da prefeitura; quando não procuramos sermos multiplicadores de valores e atitudes sustentáveis – estes, conseguiram incluir os seres humanos como também responsáveis pelos processos de degradação ambiental, mas não se vêem como sujeitos ecológicos capazes de se incomodar e agir diante da caótica situação de degradação do Rio Apodi/Mossoró.

Para Carvalho (2004), é necessário que o ser humano troque as lentes para que seja possível outra visão do meio ambiente, a socioambiental. Nessa perspectiva, “a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo” (*ibidem*, p.36).

A autora nos possibilita inferir que se faz necessário um processo contínuo de Educação Ambiental com os moradores da Ilha de Santa Luzia, para a condução do “trocar as lentes” nas relações estabelecidas com o Rio Apodi/Mossoró. A noção de pertencimento, de interação, de reciprocidade - Rio e comunidade, comunidade Rio – precisa ser estabelecida urgentemente. Nesse sentido, o voltar ao passado, o reviver momentos de prazer e satisfação através das memórias dos moradores na relação com o rio, parece-nos ser um caminho viável para despertar a saudade de um Rio que foi e certamente será cenário de muitas histórias de vida.

Apesar da ênfase na ausência de responsabilidade e disposição para contribuir com o processo de revitalização do Rio, por parte de muitos moradores, percebemos algumas vozes isoladas capazes de alavancar o desejo da equipe do Projeto Rio Apodi/Mossoró: integridade ambiental a serviço de todos, de continuar pensando com os moradores da Ilha os caminhos para um pensar/agir diante das problemáticas socioambientais dessa rica e indispensável bacia hidrográfica. Dá eco as vozes isoladas e ou silenciadas é para nós um caminho viável para o reconhecimento do Rio como bem ambiental, do qual temos o direito e o dever de preservá-lo para as gerações presente e futura.

## **Convivendo com o rio: histórias reveladas pelos moradores da Ilha de Santa Luzia**

A vida naquela época era a melhor coisa do mundo. A gente brincava, fazia traquinagem lá no beijo do rio. O lugar que eu mais gostava de ficar era numa ponta mais funda e porque tinha um pé de manga e a gente pulava de lá para dentro do rio. As mães lavando roupa e a gente brincando. Brincava de tudo e dentro do rio para se esconder tinha que mexer com a mão na água para sujar por que a gente via tudo de tão clara era a água. Os dias da gente era assim todo dia. O rio era a nossa outra casa porque a gente passava lá o dia inteiro. (M.R.).

A relação entre memória e identidade foi a orientação teórica central da pesquisa uma vez que trabalhamos com o tema História do rio: mudanças na paisagem. Como afirma Menezes (2004) ser a memória de fundamental importância para demarcação da identidade individual, familiar e do grupo e este se expressa na forma como as pessoas relatam sobre suas vidas. A experiência dos moradores entrevistados da Ilha de Santa Luzia sugere alguns caminhos interessantes de reflexão entre espaço e vivências que em suas falas é recortado por ações cotidianas em suas múltiplas faces e não apenas no espaço físico, delimitado por fronteiras geográficas, administrativas e políticas. As vivências e convivências de seus moradores, com o rio, são marcadas, principalmente, pelas relações afetivas, pelas relações sociais e pelas expressões da cultura de um povo que nasceu e viveu vendo, ouvindo, falando, sentindo e convivendo, sobrevivendo com os sabores e dissabores em suas relações sociais.

Esse espaço vivido e sentido está representado em suas falas por comportamentos de atores que experienciam os elementos que lhe estão próximos de forma diferenciada no que diz respeito à construção de sua relação com o rio. É o conhecimento pela experiência que não está em livros, muito pelo contrário, “tira sua significação principal das experiências da vida cotidiana, ou ainda, dos valores moventes do mundo de todos os dias” (MAFFESOLI, 1988, p. 221). Assim, os relatos tomados apontam para situações que não são opostas, pelo contrário, compartilham entre si em relação à vivência e convivência com o rio. Aqueles que falam, dizem, manifestam suas emoções, sobre o sentimento do rio enquanto bem emocional enquanto espaço de prazer e saudade e aqueles que, da mesma maneira, expressam seus sentimentos de desprazer, de dúvidas, de receio, de medo, de reprovação. São, no entanto, dois pontos que não se antepõem, muito pelo contrário, se ligam pela dimensão da busca de uma ética do meio ambiente. Um revelando o lado positivo das relações nas relações e

convívio; o outro, o lado negativo, mas os dois em busca de uma síntese, mesmo vivenciando-as em meio à conflitos, em função do bem coletivo.

O Conviver e viver com o rio para os moradores da Ilha é permeado, cotidianamente, pelos lugares da memória do rio de quarenta anos atrás amalgamadas com as imagens do rio, hoje. No interior dessas lembranças do ontem e do hoje desfilam cenários de suas lutas diárias, de seus fazeres e do movimento de indivíduos em suas lutas constantes para serem indivíduos. Em suas narrativas o rio emerge como uma experiência central produtora de necessidades materiais, mas com um sentimento que aponta o lugar da dignidade, do orgulho, do amor aos diversos lugares, do convívio familiar, da reciprocidade das relações, nos dias de ontem. Nos dias que correm, no entanto, não é um passado apenas vivido, mas um passado cujas relações com o rio veio se metamorfoseando ao longo da trajetória de suas vidas. Nessa trajetória, cenas, de tristeza e descrédito com a situação em que se encontra o rio cuja poluição, abandono e descaso por parte de todos, como afirmam, permitem ver a preocupação dos moradores com o destino do rio.

### **Relação Sociedade-Natureza: saberes da prática e da vivência de moradores da Ilha de Santa Luzia**

A degradação ambiental emerge do crescimento e da globalização da economia. A problemática ambiental abriu um processo de transformação do conhecimento, expondo a necessidade de gerar um novo saber frente aos problemas globais e complexos em que vive a sociedade atual, expondo a crise da racionalidade econômica que conduziu o processo de modernização.

A busca de soluções aos problemas socioambientais tem se destacado desde a Conferência de Estocolmo em 1972, tendo maior ênfase na Rio-92. Esta afirmação é para situar que no âmbito das lutas ambientalistas, a denúncia, a constatação dos problemas e a busca de soluções aos problemas socioambientais são elementos-chave da questão socioambiental, principalmente contando com o envolvimento de diversos atores sociais.

Os problemas ambientais vividos na atualidade é consequência de uma longa e complexa cadeia de relações entre o mundo humano e o mundo natural. É a materialização do desgaste da relação de uma determinada sociedade – a industrializada de consumo – com a biosfera, relação essa que se desenrola em bases assimétricas, por declinar-se um diálogo em favor de um monólogo com a natureza (LAYRARGUES, 1999).

Neste contexto, se insere a Ilha de Santa Luzia, bairro do município de Mossoró-RN, onde na questão socioambiental os problemas são evidenciados, mas os conflitos são latentes. Neste bairro, que é uma ilha, passa o rio Apodi/Mossoró, motivo de saudosismo, devido às relações passadas das populações ribeirinhas com este ecossistema e a atual convivência com um rio poluído. As memórias, entrecortadas pelas vivências presentes, retratam a vivência dos moradores com o rio:

As mulheres lavavam roupa e traziam a água em roladeiras para casa. A gente tomava água do rio. Enquanto não tiver um documento de multa para quem jogar não vai adiantar. Dizem que vão fazer um parque ecológico aí. Por uma parte vai ser bom. Vai ficar iluminado, mas por outra vai tirar o sossego da gente. (J.S)

A visão de mundo instrumental, que favorece a uma atitude utilitarista dos bens ambientais, encontra correspondência nos valores culturais da nossa sociedade. Essa convivência marcada pelo domínio de uma racionalidade instrumental em prejuízo de uma postura de reciprocidade com a natureza enquanto alteridade a ser respeitada, a base natural de nosso dia-a-dia. (CARVALHO, 2004, p. 164). O rio Apodi/Mossoró enquanto um bem ambiental é concebido mais pela sua utilidade, senão vejamos fragmentos da fala de moradores locais:

Mulher, o negócio desse rio pra ficar limpo tem que colocar o exército em cada ponta dele com metralhadora em punho. O povo hoje aqui é com um facão na mão. Eu vou fazer briga pra não ter mais liberdade por causa do lixo. Devia ter uma multa de 500 e três anos de cadeia pra quem joga o lixo. Para quem não tem consciência. A gente vai reclamar e arranja uma briga. Eu vou fazer a minha parte e não vou ligar para os outros não. Não vou colocar a vida dos meus filhos, de meu marido e a minha em jogo. Eu não estou botando o resto não quero saber. É um perigo, pois arranja uma confusão. Outra é que os carros vêm delongo jogar lixo. Bicho morto. Eu estou cansada de ver. O povo vem tudo armado e não vou morrer. Teve um dia que eu não tive nem estômago aqui. O povo deve compreender isso. (M. P.).

Por outro lado, Layrargues (1999) chama a atenção para a perspectiva da educação ambiental desenvolvida a partir da resolução de problemas ambientais orientada como atividade-fim, fomenta a percepção equivocada de que o problema ambiental e a sua solução encontram-se na esfera técnica. Ou seja, o enfoque da resolução de problemas ambientais

orientado como atividade-fim não é suficiente como finalidade, partindo-se do pressuposto de que a mudança de valores dos indivíduos e da coletividade poderá ocorrer por conta própria (*op. Cit*).

Perceber o rio Apodi/Mossoró como fonte de vida e direito de todos nos remete a uma constatação de que dependemos de um ambiente equilibrado para viver. Se a sua degradação atinge a todos e fere esse direito coletivo, por que a ausência de espaços de decisão a respeito desta questão? Por que os conflitos e as tensões relacionados à gestão do rio e à apropriação dos bens ambientais não são evidenciados?

Carvalho (2004) nos esclarece afirmando que o motivo central é a tensão entre o caráter público dos bens ambientais e sua disputa por interesses privados. Continua esta autora, “os modos de acesso aos bens ambientais e de seu uso, nos quais prevalecem os interesses privados, além de ocasionarem agressões ambientais, ferem seu caráter coletivo.” (*op. Cit*, p. 166). Ainda Carvalho nos exemplifica que situações de captação de água dos rios para irrigação de grandes plantios particulares, desmatamento de extensas áreas de vegetação nativa para reflorestamento, com finalidade de exploração industrial, são alguns exemplos de apropriação e/ou comercialização dos bens ambientais em benefício de ganhos particulares. Notadamente, os resíduos ou dejetos tóxicos no ar ou na água, têm afetado um espaço de convivência onde vivem comunidades, em geral, pobres.

Contudo, na Ilha que passa um rio que vem do interior serpenteando várias cidades do Rio Grande do Norte, passa também, ou melhor, vive também um rio imenso de desejos de pessoas simples que convivem diariamente com problemas socioambientais, como a poluição do rio Apodi/Mossoró. Mas por que na sua comunidade passa um rio, há que se cuidar dele, conviver com ele, conhecê-lo nos seus meandros. Para alguns moradores:

O rio era a casa a casa era o rio. Era tudo a mesma coisa. Hoje parece que ele é um inimigo. (A. T.)

Tristeza porque os competentes não limpam. Quarenta anos atrás eu carregava água de roladeira do rio para minha casa. Hoje nem pensar. (F. C.)

Nós somos culpados, mas não é só o povo daqui não. Os de fora também. (S. A.)

Tem uma granja aí que é uma vergonha e todo mundo sabe, mas quem vai mexer? [...].

Elencamos a seguir as ações que na percepção dos moradores da Ilha de Santa Luzia poderiam contribuir para melhorar a qualidade de vida dos ribeirinhos, bem como preservar a integridade ambiental do rio, lembrado por todos como um espaço de (con)vivência, no presente, mas que guarda inúmeras histórias de um passado recente. Entre as ações citadas pelos moradores destacamos: não poluir o ambiente em que vivem; fiscalização com frequência e punição dos responsáveis, para evitar que o lixo seja despejado no rio; evitar também os esgotos clandestinos; mais conscientização dos moradores em relação à importância da limpeza do rio para a própria comunidade, que são os que mais sofrem com o caso; derrubar os barracos próximos ao rio que colaboram com a sujeira com os esgotos e todo tipo de lixo; informar os moradores da coleta seletiva existente na região, pois muitos dos moradores não sabem; plantar árvores às margens do rio; mais interesse da prefeitura com a situação que vive a comunidade da Ilha.

Saindo da margem dos problemas à margem das possíveis soluções, muito há que fazer, mas dizer para quem? Quem vai escutar estas vozes? Como estas vozes vão se fazer escutar?

### **À guisa de conclusão**

Ao longo dessa reflexão procuramos a partir do que nos orientou a pesquisa, discutir o tema do viver e conviver com o rio Apodi/Mossoró tomando como referência as vozes de moradores da Ilha de Santa Luzia que referenciam suas vivências e convivências com o rio, alicerçadas por suas experiências cotidianas. Baseando-nos no diálogo com indivíduos ribeirinhos, com aporte do tema “sociedade-natureza”, entendida como uma teia emaranhada de práticas cotidianas, onde a vida social é construída verificamos que, apesar do cenário de poluição em que se encontra o rio Apodi/Mossoró, o que afeta consideravelmente a qualidade de vida dos moradores em seu entorno, suas vozes estão carregadas de sentimentos e emoções. Perdas, tensões, silêncios, denúncias, lamentos, certezas, incertezas, misturam-se marcando suas falas ora com otimismo, ora com pessimismo quanto aos rumos para a questão da poluição do rio. Para além dessa constatação, as narrativas dos moradores da Ilha de Santa Luzia, a escuta, o ato de ouvir suas histórias de vida com o rio constituíram-se em um momento especial para pensarmos as relações sociedade-natureza como um lugar especial para a construção de uma ética ambiental, que considere os saberes re-construídos cotidianamente.

## Referências Bibliográficas

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*- São Paulo: Cortez, 2004.

LAYRARGUES, Pomier Philippe. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental? In: REIGOTA, Marcos (org). *Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

LIMA, Ana Lucia Lacerda Vieira de. *A cidade e as águas: um estudo sobre a tricotomização do rio Mossoró*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente – UERN, 2007.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.). *O contrato social da ciência: unindo saberes na educação ambiental*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

MENEZES, Marilda. *História Oral: uma metodologia para o estudo da memória*. Vivência. UFRN/CCHLA. V 1., n.1. Natal:UFRN, 1983.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. *Cidade e cidadania: inclusão urbana e justiça social*. IN. Revista Ciência e Cultura SBPC, São Paulo: Imprensa oficial, Ano 56. Nº 2 Abril/Maio/Junho de 2004.

[www.dei.rn.gov.br](http://www.dei.rn.gov.br)

[www.semarh.rn.gov.br](http://www.semarh.rn.gov.br)

[www.uol.com.br/omossoense/14032007/conteudo/cotidiano9.html](http://www.uol.com.br/omossoense/14032007/conteudo/cotidiano9.html)